

# Deslocamentos e configurações do letramento literário na escola

Graça Paulino\*

## Resumo

A observação direta de uma turma de jovens e adultos do ensino médio numa escola da rede estadual em Belo Horizonte permitiu traçar o perfil desses alunos enquanto leitores, verificar suas preferências literárias, analisar o funcionamento e a organização da biblioteca, verificando a adequação do acervo de literatura brasileira e estrangeira. O conjunto desses dados compôs um quadro de letramento literário que se afasta da tradicional narrativa de crise da escola pública brasileira, pois os problemas localizados se situam em circunstâncias específicas daquele estabelecimento escolar, afastando-se da muito alegada falta de livros, já que estes existem em bom número e qualidade na biblioteca.

Palavras-chave: Letramento; Formação de leitores; Escolarização da leitura; Leitura literária.

Apresento aqui alguns resultados de uma pesquisa sobre leitura com alunos do Ensino Médio numa escola da rede estadual em Belo Horizonte. Tal pesquisa integrada, com financiamento do CNPq, desenvolveu-se de agosto de 2001 a julho de 2003 e seu título geral é “Letramento literário no contexto da biblioteca escolar”. Meu subprojeto teve como objetivo analisar a situação de alunos jovens e adultos com pouca frequência à biblioteca da escola. Foi escolhido um estabelecimento de ensino que tem aproximadamente 1.800 alunos, da 5ª série do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Realizei também uma intervenção no processo, para verificar se o acesso direto a textos literários os faria desejar ler mais obras literárias.

O uso do termo letramento está hoje bem disseminado nos meios acadêmicos, embora ainda dificilmente apareça na mídia. De qualquer modo, o **Dicionário Antônio Houaiss** já o registra, vinculado ao campo da Pedagogia, com o

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

sentido de “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”, datando em 1980 a entrada do termo com essa acepção no português do Brasil. Ainda que o termo letramento não se refira a práticas escolares especificamente, a pedagogização do letramento, como processo formal de ensino-aprendizagem, torna-se inevitável para proceder ao desenvolvimento sistemático e organizado das habilidades e hábitos próprios de cidadãos letrados. Magda Soares (2003a) reconstitui a história dos “novos estudos do letramento” na Europa, Estados Unidos e Brasil. A autora afirma que, embora o termo “literacy” (do qual provém diretamente o termo “literacia” usado em Portugal) exista na língua inglesa desde o século XIX, é também nos anos 80 que assume um sentido mais amplo e se torna foco de pesquisas na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Os estudos mais atuais sobre letramento (BARTON, HAMILTON & IVANIC, 2000 *apud* SOARES, 2003b) começam a utilizar esse termo no plural, explicitando a consciência dos pesquisadores acerca da complexidade de processos sociais e discursivos envolvidos nas ações de ler e escrever, antes quase só avaliadas em abordagens quantitativas para orientar políticas públicas de leitura. Hoje se sabe que se desenvolvem na vida social diversos tipos de letramento e que estes exigem dos sujeitos práticas de leitura e escrita diferenciadas. Por um lado, os próprios domínios discursivos exigem diferentes inserções dos sujeitos em leitura e/ou escrita. Isso faz com que tenhamos de distinguir, por exemplo, o letramento funcional, que diz respeito às práticas cotidianas de leitura e escrita de textos de domínios como o informativo e o instrucional, do letramento literário, que diz respeito a práticas de leitura sem finalidades pragmáticas, envolvendo gêneros como poemas, contos, crônicas ou romances e realizadas por escolhas mais personalizadas. As estratégias de produção e recepção são diferentes, assim como os gêneros e os suportes de textos. Por outro lado, as interferências específicas da escola exigem também que cheguemos a distinguir o letramento escolar do não-escolar.

Magda Soares (2003b), ao discutir questões relativas a letramento e escolarização, afirma ser difícil estabelecer alguma correspondência direta entre o grau de escolaridade e os níveis de letramento, mesmo quando se trata apenas do chamado letramento funcional. Isso se deveria principalmente às diferenças entre situações reais e situações escolares de comunicação. Como exemplo desse distanciamento, ela cita também o caso de leitura literária:

Uma narrativa, um poema aparece em um livro que atrai pela capa, pelo autor, pela recomendação de alguém; folheia-se o livro, examina-se o sumário, a orelha, a quarta capa, escolhe-se um trecho, um poema, abandona-se a leitura, por desinteresse ou por falta de tempo, continua-se depois, ou não... Na escola, a narrativa ou o poema

estão na página do manual didático ou reproduzidos em folha solta, não há escolha, devem ser lidos e relidos, haja ou não interesse nisso, questões de compreensão são propostas... (p. 106)

Mesmo com essas diferenças, não há como negar que o desenvolvimento das habilidades de produção e compreensão de textos necessárias à inserção do indivíduo nessas diversas práticas sociais de leitura se realiza predominantemente no contexto escolar. Por isso, meu interesse se voltou para a verificação do que ocorria com os alunos dentro de uma escola, no que diz respeito ao letramento literário escolarizado.

Uma professora de Português da escola pública procurada me indicou uma turma de 1ª série do Ensino Médio, composta por 35 alunos entre 16 e 23 anos, que estava, segundo ela, um pouco atrasada na faixa etária, tinha dificuldades em língua portuguesa e não gostava de ler. Essa professora formou-se na Graduação em Letras na UFMG em 1971 e trabalha nessa escola há 16 anos. Entrevistada, suas respostas não conduziram às possíveis causas da pouca leitura dos alunos, mas, informalmente, falou dos problemas da biblioteca escolar: falta de estrutura e de profissionais apropriados.

Expliquei à turma qual era minha pesquisa, destacando que só participaria dela quem quisesse, lendo no tempo que quisesse, e que não haveria notas ou atividades cobradas após a leitura. Mostrei-lhes que começariam escolhendo um dentre quatro livrinhos finos, com três contos cada, colhidos na antologia de Ítalo Moriconi **Os 100 melhores contos do século XX**, da Editora Objetiva. Selecionei esses 12 contos em três volumes, tentando cobrir o século, de “A caolha”, de Júlia Lopes de Almeida, a “Passeio noturno”, de Rubem Fonseca, evitando textos muito longos ou com estrutura fragmentada.

Da turma de 35 alunos, 30 quiseram participar da experiência, respondendo, antes de escolher o livrinho, um questionário rápido que denominei “Perfil de Leituras” (ver p. 70). Era uma página com 16 perguntas objetivas, sendo que, em oito delas, em vez de marcar a resposta eles deveriam redigi-la num pequeno espaço pautado. Pedi que ficassem à vontade para responder e deixassem em branco o que quisessem.

Dos 30 alunos, a maioria não afirmou que gostava de ler, mas optou pela resposta “um pouco”, que tinha sido colocada de propósito para os incautos. Mas apenas sete dos 19 alunos que disseram gostar “um pouco” de ler declararam ter lido um livro “no último mês”, sendo que um deles nem conseguiu citar o título. E embora 10 tenham marcado que sim, que gostavam de ler, três deles liam livros religiosos, três liam livros de auto-ajuda, três nada lembravam de suas leituras e apenas dois deles liam narrativas literárias, o que correspondia a menos de 10% do total.



Respondendo se freqüentavam a biblioteca da escola, apenas seis disseram que sim, 12 que não, 12 que iam lá de vez em quando. Apenas um deles ia à biblioteca quando queria ler algo, os outros iam “para pesquisar”. Evidentemente, algum problema havia na biblioteca com relação à literatura. Imaginei que não existissem livros adequados para leitores com mais de 16 anos, pois o governo não tem comprado livros para alunos do ensino médio. Para a biblioteca me desloquei por duas semanas. A bolsista de Iniciação Científica do CNPq foi anotando os títulos dos livros, que estavam apertadinhos atrás de uma etiqueta manuscrita pregada na estante – “romances” –, já que não havia catálogo disponível. Os livros para crianças, editados de um modo para nós familiar, estavam bem longe desses, em outra parede. A biblioteca tem uma porta como a de outras salas de aula, não tem placa identificadora, mede aproximadamente 30 metros quadrados, é meio escura, não tem computador, abre apenas parte do tempo em cada turno, ao todo 8 horas por dia. Entre turnos fica fechada. Há livros amontoados, que são dicionários de inglês e livros didáticos que a toda hora algum professor manda um aluno pegar. No intervalo, cinco alunos de 11 ou 12 anos entraram em bando e foram diretamente para a estante de jornais e revistas, pegaram uma **Super-Interessante** e começaram a folhear e comentar a revista, cutucando-se. A bibliotecária pediu silêncio.

Na verdade, trata-se, não de uma bibliotecária, mas de uma professora com aproximadamente cinqüenta anos, que fica sentada de frente para a porta. Fala bem devagar, parece um pouco cansada. Na mesinha, há um grande caderno de capa dura, que me foi mostrado. Todos anotados a mão em letra bem cuidada, ali estavam os empréstimos dos últimos cinco anos. Nome e turma do aluno, título e autor do livro, data do empréstimo, data da devolução. Alguns livros estavam emprestados há mais de um ano com os mesmos alunos. Ela disse que o controle era difícil, sem multa, muitos não devolviam, mudavam de sala etc. Em outro dia de observação, a rotina foi a mesma. De inesperado, houve apenas uma briga de socos entre dois alunos próximos à porta. A “bibliotecária” apartou-os e os puxou para dentro, com uma longa repreensão. Ficaram lá por um bom tempo até se acalmarem e serem soltos. Enquanto isso, minha bolsista continuava anotando, os livros estavam mesmo bem apertados. Foram três dias de registro. Total: 623 títulos. Estavam emprestados 86 livros.

Analisei o acervo. Aí começou meu espanto, que agora lhes relato. Havia clássicos brasileiros do século XIX, como Castro Alves, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Alencar, Machado, Taunay, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Bernardo Guimarães. Nada de surpreendente nisso, já que compõem o cânone escolar. Mas os autores brasileiros do século XX eram muito mais numerosos. Os meus bons estavam lá: Drummond, Mário, Oswald de Andrade, Bandei-

ra, João Cabral, Cecília Meireles, Vinicius, Jorge de Lima, Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Jorge Amado, Adonias Filho, Lima Barreto, Lobato, José Lins do Rego, Graciliano, Rachel de Queiroz, José Cândido de Carvalho, Campos de Carvalho, Clarice Lispector, Erico Verissimo, Autran Dourado, Rubem Braga, J. J. Veiga, Ignácio de Loyola Brandão, Carlos Heitor Cony, dentre outros. E autores menos consagrados ou mais contemporâneos, como Caio Fernando Abreu, Moacyr Scliar, Roberto Drummond, Millôr, Ariano Suassuna, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Leminski, Fernando Sabino, Marcelo Rubens Paiva, Olavo Romano, José Roberto Torero, Adélia Prado, Louzeiro, Raduan Nassar, Chico Buarque, Adelaide Carraro, Fernando Gabeira, Zulmira Tavares, Luiz Fernando Verissimo. Em suma, literatura brasileira para todos os paladares.

Inacreditável mesmo é o acervo de literatura estrangeira dessa biblioteca escolar. Vi toda a minha vida de leitora formada em boa biblioteca pública passando diante de meus olhos: os grandes russos Tchecov, Dostoievski, Gorki, Tolstoi; os gregos Homero e Sófocles; os franceses Maupassant, Molière, Flaubert, Proust, Balzac, Dumas, Marguerite Duras, Jules Verne, Victor Hugo; os de língua inglesa, Shakespeare, Swift, Fielding, Defoe, Poe, Conan Doyle, John dos Passos, Simmel, Dickens, Steinbeck, James, Fitzgerald, Huxley, Hemingway, Agatha Christie, Morris West, Sidney Sheldon; os de outras línguas, como Pirandello e Moravia, Kafka e Kundera, Rilke e Thomas Mann. Deixei de citar os portugueses, mas estavam quase todos lá, de Camões a Fernando Pessoa. Nem faltou o moçambicano Mia Couto.

Realizei com os alunos a experiência da leitura literária dos contos brasileiros, durante todo o primeiro semestre de 2003. Respeitei o ritmo de cada um, nada lhes cobrei. Dos 30 alunos que quiseram participar da experiência, 17 quiseram continuar lendo literatura, após percorrer todos os 12 contos. Mas como fazer da leitura literária uma opção de vida, se eles não tinham dinheiro para comprar livros? Como sugerir que escolhessem livros na biblioteca, se encontrar um adequado era tão difícil e demorado? Oito alunos responderam no questionário inicial que queriam poder comprar os livros que escolhessem. Deixei-os então escolher: se pudessem comprar, qual seria o livro? Não discuti as escolhas, embora discordasse de muitas delas. Seis foram da coleção “Primeiro Amor”, da Ática, traduções de um autor barato, outros tantos de suspense juvenil, um Paulo Coelho... Em suma, muitos não se iniciaram na leitura de bons textos literários, como eu pretendia com a experiência, mas 17 dos 30 querem firmemente continuar a ler literatura.

Levaram os livros para ler nas férias de julho. A volta não foi muito animadora. Alguns simplesmente abandonaram a escola: a turma se reduzira a 28 alunos. Dentre os que levaram livros para ler nas férias, onze disseram não ter tido

tempo para terminar a leitura. Mas houve trocas entre alunos vizinhos, que leram mais de um livro. E vários queriam ler mais, mas a pesquisa tinha acabado, junto com a verba. Saí de férias na UFMG em setembro e pretendo voltar junto com alunos de Letras em estágio, para tentarmos organizar e exibir o belo acervo dessa biblioteca escolar.

Evidentemente, nem bibliotecária, nem alunos, nem professora sabem da preciosidade escondida naquela salinha. Levei-lhes Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Drummond e eles já estavam lá. Por que a surpresa e o encanto deles com contistas que nunca pegaram na biblioteca? Mas como descobri-los lá, sem gastar três dias tirando-os do lugar, aborrecendo a bibliotecária, como fez a dedicada bolsista do CNPq? Como pensar em letramento literário sem resgatar a possibilidade de encontro desses leitores com os livros maravilhosos de sua biblioteca?

Ficam aqui expostas algumas questões para pensarmos, no fim deste relato: por que um acervo, por melhor que seja, não faz uma biblioteca ser boa? E como pensar em letramento literário na escola, sem estar vinculado à biblioteca escolar? As grandes pesquisas quantitativas sobre letramento, se pretendem orientar políticas públicas de leitura, precisam dividir espaço com pequenas pesquisas como esta, que mostram como dificuldades localizadas e específicas podem comprometer qualquer grande investimento em livros para as bibliotecas escolares que os governos pretendam fazer, se é que pretendem mesmo fazer isso um dia. O investimento em infra-estrutura e pessoal especializado se mostra essencial para que os acervos não permaneçam trancados nem empilhados nas escolas.

## Abstract

The direct observation of a group of young and adult students in a state senior high school in Belo Horizonte allowed us to trace the profile of those students as readers, to identify their literary preferences, and to analyse the organisation and operation of the library, checking the adequacy of the Brazilian and foreign literatures collection. That set of data formed a framework of literary literacy away from the traditional report of crisis in Brazilian state schools, as the problems detected were restricted to specific circumstances of that school, disconnected from the alleged lack of books, once the number and quality of that library collection were found to be quite satisfactory.

Key words: Literacy; Formation of readers; Reading schooling; Literary reading; School library.

## Referências

KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: REUNIÃO DA ANPED, 22. **Anais...** 1999. (CD).

RIBEIRO, Vera Mazagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Mazagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

STREET, Brian V. (Ed.). **Literacy and development: ethnographic perspectives**. London: Routledge, 2001.

## ANEXO

Análise quantitativa das respostas ao questionário Perfil de Leituras (categorias criadas a partir das respostas às questões abertas)

Você gosta de ler?

Pergunta 1	Respostas	em %
a) Sim	10	33%
b) Não	1	3%
c) Um pouco	19	63%
TOTAL	30	100%

Você leu algum livro fora da obrigação da escola no último mês?

Pergunta 2	Respostas	em %
a) Sim	16	53%
b) Não	14	47%
TOTAL	30	100%

Em caso de resposta sim, lembra o título do livro?

Pergunta 3	Respostas	em %
a) Não se lembra	1	6%
b) Título de literatura	7	44%
c) Título de didático	0	0%
d) Título de obra de referência	0	0%
e) Título de livro informativo e outros	8	50%
TOTAL	16	100%

Obs.: A pergunta n. 3 está relacionada aos entrevistados que responderam sim à questão de n. 2. A lista de títulos de livros que apareceram no questionário é a seguinte:

- Satã anda solto
- O girassol na janela
- Viver melhor
- Força para viver
- Nossa Senhora de Fátima
- O amor que faz o mundo girar
- Vida de droga
- Depois daquela viagem
- O preço da coragem
- Diário de um mago
- O dom supremo
- O alquimista
- Moema, a mãe do Brasil
- A marca de uma lágrima
- Na mira do vampiro
- Fascinação

Em caso de resposta não, quanto tempo faz que leu o último livro?

Pergunta 4	Respostas	em %
a) Até 6 meses	6	43%
b) De 7 meses a 1 ano	4	29%
c) Mais de 1 ano	2	14%
d) Em branco	2	14%
TOTAL	14	100%

Obs.: A pergunta n. 4 está relacionada aos entrevistados que responderam (b) na questão 2.

Você gosta de ver filmes no cinema ou na televisão?

Pergunta 5	Respostas	em %
a) Sim	29	97%
b) Não	1	3%
TOTAL	30	100%

Que tipo de história mais lhe agrada?

Pergunta 6	Respostas	em %
a) Comédia	20	69%
b) Drama, amor	13	45%
c) Aventura, ação	16	55%
d) Suspense, mistério e ficção científica	23	79%
e) Outros	8	28%
Total de questionários	29	100%

Obs.: Com relação à questão n. 6, especificamente, à alternativa (e) se segue lista de outros tipos de histórias citadas pelos entrevistados:

- Terror;
- Poesias;
- Livros didáticos;
- Suspense com amor;
- Esportes radicais;
- Romances espíritas.

Você frequenta a biblioteca da escola?

Pergunta 7	Respostas	em %
a) Sim	6	20%
b) Não	12	40%
c) Às vezes	12	40%
TOTAL	30	100%

Obs.: O quadro 7.1 traz as respostas da pergunta: "às vezes, quando?", que acompanha a alternativa (c) da pergunta 7.

Se respondeu às vezes, quando frequenta?

Pergunta 7.1	Respostas	em %
a) Precisa pesquisar	9	75%
b) Quer ler algo	1	8%
c) Precisa de dicionário	0	0%
d) Falta professor	1	8%
e) Em branco	1	8%
TOTAL	12	100%

Se respondeu que não, por quê?

Pergunta 8	Respostas	em %
a) Não tem tempo	2	17%
b) Não gosta	5	42%
c) Outros motivos	3	25%
d) Em branco	2	17%
TOTAL	12	100%

Obs.: A pergunta n. 8 está relacionada aos entrevistados que responderam (b) na questão 7.  
Você já foi a uma livraria ou outro comércio comprar livro?

Pergunta 9	Respostas	em %
a) Sim	17	57%
b) Não	13	43%
TOTAL	30	100%

Era livro pedido pela escola?

Pergunta 10	Respostas	em %
a) Sim	6	35%
b) Não	11	65%
TOTAL	17	100%

Obs.: A pergunta n. 10 está relacionada aos entrevistados que responderam (a) à questão 9.  
Sua casa tem livros?

Pergunta 11	Respostas	em %
a) Sim	24	80%
b) Não	6	20%
TOTAL	30	100%

Se respondeu que sim, que tipo de livros?

Pergunta 12	Respostas	em %
a) Vários	7	29%
b) Romances	11	46%
c) Livros para pesquisa	4	17%
d) Poesia	1	4%
e) Livros de Pai/Mãe	1	4%
TOTAL	24	100%

Obs.: A pergunta n. 12 está relacionada aos entrevistados que responderam (a) à questão 11.  
Você lê revista de notícias ou jornal?

Pergunta 13	Respostas	em %
a) Leio todo dia	0	0
b) Leio pelo menos uma vez por semana	13	43%
c) Leio de vez em quando	16	54%
d) Nunca leio	1	3%
TOTAL	30	100%

Que levaria você a freqüentar mais a biblioteca da escola?

Pergunta 14	Respostas	em %
a) Mais livros e livros mais interessantes	10	34%
b) Tempo livre para isso	1	3%
c) Mais incentivo	9	30%
d) Não sabe	5	17%
e) Não respondeu à pergunta	4	13%
g) Satisfeito com a freqüência atual	1	3%
TOTAL	30	100%

Que levaria você a ler mais?

Pergunta 15	Respostas	em %
a) Já gosto de ler	3	10%
b) Ter mais tempo	1	3%
c) Mais livros na biblioteca	4	13%
d) Desenvolver o gosto	7	23%
e) Poder comprar ou escolher	8	28%
f) Não sei ou em branco	4	13%
g) Outros	3	10%
TOTAL	30	100%

Qual a sua expectativa ao querer ler estes contos que está recebendo?

Pergunta 16	Respostas	em %
a) Boas histórias	7	23%
b) Nenhuma expectativa	1	3%
c) Em branco	0	0%
d) Poder ler e adquirir conhecimento	9	31%
e) Desenvolver o gosto pela leitura	13	43%
TOTAL	30	100%